



O REALISMO SOCIALISTA¹ NA TRILOGIA OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE DE JORGE AMADO

Marta Loula Dourado Viana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: martasolto@hotmail.com

Este artigo tem por objetivo apreender no romance *Subterrâneos da liberdade* o debate e as influências do realismo socialista na produção literária de Jorge Amado. A tríade *Subterrâneos da Liberdade* com primeira edição no ano de 1954 em três volumes (I. Os ásperos tempos, II. Agonia da noite e III. A luz no túnel) foi escrito pelo baiano Jorge Amado, na época militante do Partido Comunista do Brasil (PCB). O romance expõe elementos da história do Brasil sobre o período do golpe de Estado pelo Getúlio Vargas na narrativa literária, numa relação entre história e literatura com engajamento político. O autor narra a história “não oficial” de um período da história brasileira, dando voz aos comunistas e a classe trabalhadora, os quais foram silenciados pela opressão e perseguição de Vargas.

Vale ressaltar que a literatura faz uso das representações simbólicas, através de uma consciência estética e das formações discursivas para a abstração da realidade em que o escritor vive ou que lhe é retratada, problematizando-a e respondendo artisticamente a estes problemas (BACCEGA, 2003). Dessa forma, entendemos a literatura enquanto uma visão de mundo apresentada por meio do discurso que é ideológico o qual pode buscar os fatores históricos para tornar a ficção verossímil. Mas, a literatura compõe uma formação discursiva, pertencente ao campo das ideias que correspondem ao além do que é real. Trata-se de uma leitura, uma interpretação da realidade de algum fato histórico.

Ao contrário da literatura em que o escritor projeta seus anseios, suas vontades subjetivas, a história é o fato objetivamente narrado do que aconteceu ou do que está acontecendo. A história corresponde a uma narrativa dos acontecimentos reais, “diferentemente da literatura que seria o modo que um narrador utilizaria para tornar

¹ O realismo socialista foi recuperado por Andrei Jdanov no I Congresso dos Escritores Soviéticos em 1934, no período Stalinista, com as definições de uma cultura e educação proletária, assim como uma função socioeducativa e política (ANDRADE, 2010). Portanto, o realismo socialista de Jdanov tem características peculiares que difere de um realismo socialista mais científico, ou de um realismo socialista na arte com liberdade de criação, não panfletário e não restrito à vida real.



compreensível para os leitores uma determinada realidade” (DECCA, 2006, p. 20). Embora, tanto a história quanto a literatura sejam uma narrativa de eventos humanos, podendo tratar acerca de situações simbólicas, reais, ficcionais ou imaginárias, a história é uma narrativa de eventos reais.

Nessa relação entre história e literatura, o escritor no romance faz uso da história das atividades dos comunistas no movimento operário durante a movimentação política do golpe pelo fascista Getúlio Vargas e a reorganização da burguesia nacional diante do imperialismo norte-americano. Na sequência, a narrativa se debruça no enfrentamento dessa situação pelos comunistas, os quais foram presos, inclusive o cavaleiro da esperança Luís Carlos Prestes.

Jorge Amado surge na militância do PCB em 1930 e se torna conhecido pelos romances País do Carnaval, Cacau, Suor e Capitães de areia (1934). Foi considerado o sucessor do Lima Barreto, escritor progressista que faleceu antes mesmo de conhecer o comunismo, mas que, segundo um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil, Astrojildo Pereira (2012), teria se tornado um grande comunista uma vez que suas crônicas publicadas e reunidas mais tarde no livro Bagatelas (1923) foram dedicadas à revolução socialista na Rússia. No curto período na legalidade, entre 1945-1947, o PCB elege Prestes ao Senado e quatorze deputados. Jorge Amado foi eleito deputado federal pela cidade de São Paulo. Dessa forma, o romance de Jorge Amado baseia-se “na experiência da sua própria militância comunista na luta antifascista” (GIMENEZ, 2006, p. 87).

O escritor Jorge Amado desde os primeiros romances demonstrou a grande influência da literatura da Rússia Socialista. Em 1951 Jorge Amado publicava O mundo da paz no qual relata o período em que esteve na Rússia, abordando sobre o processo de organização da sociedade soviética e também sobre a literatura soviética. Seu grande mestre foi o escritor russo Máximo Gorki, suas obras foram traduzidas para o português e muito divulgadas a partir da década de 1930 no Brasil.

Para Elena Beliakova (2014),

O escritor brasileiro é uma certa pedra angular das relações literárias entre a Rússia e o Brasil. Foi ele quem descobriu o Brasil para os leitores russos. As obras de Jorge Amado entraram organicamente para o contexto da literatura russo-soviética e tornaram-se parte inseparável da literatura russa. Amado começou a ser traduzido para russo porque



correspondia às exigências ideológicas mais rígidas daquela época (BELIAKOVA, 2014, p. 01).

O romance *Subterrâneos da liberdade* foi traduzido para o russo e recebido na União Soviética com grande entusiasmo (Ibidem). Esta íntima relação do escritor com a literatura russa se deu pelo seu ingresso no Partido Comunista, fundado no Brasil em 1922 como resultado da revolução russa em 1917 e do movimento operário brasileiro.

Jorge Amado² expõe no romance as atividades dos comunistas contra o golpe fascista e o imperialismo são reveladas e ecoam como prenúncio crescente, evidenciando a solidariedade entre os povos e o fortalecimento da América Latina contra o imperialismo norte-americano. Isso se faz presente na fuga do militante Apolinário para a Espanha, que em sua passagem pelo Uruguai na cidade Montevideo se emociona com a manifestação em apoio aos irmãos brasileiros contra Vargas e em favor da libertação do Carlos Prestes.

Nenhum comunista estava sozinho em meio à batalha, mesmo quando de passagem numa cidade estrangeira, indo de um campo de luta a outro campo de luta. Nenhum estava só, perdido e abandonado, nem mesmo na prisão mais incomunicável, nem mesmo no cárcere mais imundo, separado dos demais como perigosa fera. Em torno deles, rodeando-os de militante solidariedade, estavam milhões e milhões de homens sobre a terra, a defendê-los e a ajudá-los (AMADO, 1984, p. 210).

Dessa forma, Jorge Amado faz um recorte histórico referente ao período do Estado Novo, construindo uma trama literária com alguns personagens e elementos reais da história do Brasil, levando a mensagem de que o comunismo sobrevive a perseguição e ao anticomunismo. Num “mosaico constituído pelas diferenças ideológicas vigentes, o autor procurou mostrar ao seu público os pensamentos espúrios da elite brasileira, bem como as ideias de promoção humana e igualdade que nasciam nos subterrâneos do Partido Comunista” (GOBBE & COUTINHO, 2017, p. 58).

Embora estas diferenças ideológicas entre a elite e os comunistas sejam relevantes na obra, o mais formidável é o destaque às ideias e às ações dos comunistas do Partido. Algo que a história oficial pouco relata ou omite. Trata-se da resistência e da luta junto

² Vale ressaltar que nos anos 1960, Jorge Amado introduz-se numa nova fase literária com a publicação dos romances *Gabriela cravo e canela*, e *Os velhos marinheiros*. Em 1961 Jacob Gorender escreve no *Jornal Novos Rumos* o artigo “As novas tendências nas obras de Jorge Amado” denominando tais obras como embrionárias dos novos rumos do escritor. Suas obras mais conhecidas são dessa nova fase, e *Subterrâneos da Liberdade* talvez seja o romance menos conhecido e lido do escritor no Brasil.



ao movimento operário e às grandes massas contra o fascismo de Vargas e o imperialismo norte-americano. O escritor se propõe a evidenciar, de modo mais fiel possível, nos limites de uma obra literária, os debates travados entre os próprios integrantes do Partido.

As personagens Mariana, João, o ruivo e o jornalista Saquila integrantes do Partido Comunista numa conversa sobre um quadro de um surrealista inglês abordam questões da arte burguesa e da arte proletária. Quando os operários João e Mariana questionam o que o pintor quis mostrar no quadro, as explicações de Saquila parecem infundadas por se tratar de uma arte sem engajamento político, ausente da relação com a vida proletária. Assim, Saquila diz a João: “você é um reacionário em arte, um acadêmico sem gosto, não percebe a força revolucionária da arte moderna.” (AMADO, 1984, p. 197).

O ruivo o interrompe afirmando:

Você, Saquila, é um homem que leu Marx, Engels, O capital completo, obras de Lenin e Stalin, tudo que pôde arrebancar de marxismo pelas livrarias e o que manda buscar no estrangeiro. Leu e não entendeu nada, meu velho. Indigestou. É o mal de vocês, intelectuais metidos num gabinete a devorar marxismo, distante das massas (AMADO, 1984, p. 201).

Neste trecho do volume Os ásperos tempos, o autor traz um debate polêmico à época que envolve o marxismo em duas questões: a linha política do Partido e a produção da arte com base no realismo socialista.

Sobre o realismo socialista na arte, afirma Konder (1963) que a arte é representação simbólica do singular e do universal na particularidade, e a sua universalidade apresenta uma ligação orgânica com as singularidades representadas pelo artista. O autor ressalta que embora corretamente se procure a essência da arte com sua gênese social, enquanto um produto histórico, ela não se reduz a esta gênese. O plano social não pode fechar a porta da estética. Ao denominar uma obra de arte inadequada às condições históricas do presente com o argumento de que ela trata de narrativas e personagens que não interessa a um leitor das camadas populares ou da classe operária. O verdadeiro realismo socialista “jamais poderia prejudicar o caráter propriamente artístico de uma obra, ou contribuir para baixar-se o nível estético” (KONDER, 1963, p. 48), e não apresenta a atitude de submissão do homem em relação à realidade, como uma camisa de força que obrigatoriamente se deve vestir. Dessa forma, Konder não nega o realismo socialista, uma vez que o verdadeiro realismo preza pela verdade, por isso,



afirma que revolucionários consequentes precisam do realismo na arte e da arte no realismo, pois, precisam de uma política cultural eficaz.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo Socialista; Subterrâneos da Liberdade; Jorge Amado.

REFERENCIAL

AMADO, Jorge. **Os ásperos tempos**. Os subterrâneos da liberdade, 38ª edição. Editora Record: Rio de Janeiro, 1984.

_____. **Agonia da noite**. Os subterrâneos da liberdade, 38ª edição. Editora Record: Rio de Janeiro, 1984.

_____. **A luz no túnel**. Os subterrâneos da liberdade, 38ª edição. Editora Record: Rio de Janeiro, 1984.

ANDRADE, Homero Freitas. **O realismo socialista e as suas (in)definições**. Disponível em: www.periodicos.usp.br/ls/article/download/64089/66796. Publicado em 7/11/2010.

BELIAKOVA, Elena. **Jorge Amado e a literatura brasileira na Rússia, Amerika** [En ligne], 10 | 2014, mis en ligne le 22 juin 2014, consulté le 10 mai 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amerika/4546>.

GOBBE, Juliana; COUTINHO, Luciana S. **Subterrâneos da liberdade e educação no estado novo: entre caos e utopia**. Argumentos Pró-Educação, Pouso Alegre, v. 2, nº 4, p. 48 – 67, jan. - abr., 2017 48.

GIMENEZ, Izabel Cristina Souza. **A dialética da liberdade: uma leitura de os subterrâneos da liberdade, de Jorge Amado**. Revista Trama - Volume 2- Número 3 - 1º Semestre de 2006 - p. 87-103.

DECCA, Edgar Salvadori. **Narrativa e História**; REIS, José Carlos. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval. **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. 3ª Edição, Campinas – São Paulo, Editora Autores Associados: HISTEDBR, 2006.

KONDER, Leandro. **Alguns problemas do realismo socialista**. Revista Estudos Sociais, nº. 17 junho de 1963.